

MONICA MANSUR

Paisagens Cristais

Refotografias

O conceito:

Trabalhar com a imagem construída através mediação da máquina, um “pseudo-real”. O resultado, uma “refotografia”, trata de uma paisagem invisível. Mas apresenta também uma imagem que é real em si.

Tal imagem é um real único, já que ela só existe como imagem, é impossível a olho nu. A colangeografia, a colonoscopia, a endoscopia, a tomografia, a ressonância magnética, a densitometria, todos exames médicos diagnósticos, resultam imagens inventadas do corpo humano, traduções imagéticas para uma paisagem invertida.

Meu trabalho lida com as possibilidades de real nas imagens mediadas: estas visões médicas são um real em si, e somente existem porque foram “imaginadas” por uma máquina – seja ela uma câmera de vídeo com fibra ótica, um túnel com ondas magnéticas ou raios laser que laminam cortes transversais de órgãos e ossos. A máquina não capta nem reflete, não revela nem imprime uma imagem, ela faz presente (presentifica) cada real.

A “paisagem” determinada mas não expressa pela imagem visível (o que no caso de uma fotografia seria o *referente*) é invisível na sua origem, porém tão concreta quanto a imagem e, neste campo ambíguo, a arte contemporânea ainda discute a

natureza e com pertinência. A instância artística, a situação de arte produzida coloca no mundo uma questão para o observador, que se equivale àquele retratado numa pintura de paisagem de Caspar Friedrich – ao mesmo tempo em que está na paisagem (e no caso das imagens médicas, o homem/corpo é a paisagem), também está afastado dela, pois aqui ela é invisível em essência, não é real, somente concreta.

Sua suposta visibilidade existe apenas pela mediação da máquina. Ao mesmo tempo, a imagem se faz pelo ato de refotografar e depois imprimir a imagem, presentificando tal resultado numa situação de arte única. Ela só é a partir deste momento, só existe neste momento, não representa, se apresenta.

A arte é, para mim, um caminho para a discussão da contemporaneidade, do mundo e de suas necessidades, ela faz parte deste mundo e pode apresentá-lo ao pensamento. Passa a ser muito interessante, como artista visual, detonar um pensamento sobre a ampliação do se fazer real com um trabalho de arte que se utiliza de imagens “inventadas”, imagens não-referentes e desindividualizadas, existentes em si, inexistentes como representação e descoladas de um suposto real “verdadeiro”, pois este não pode ser reconhecido. É nesta particularidade que esta minha linha de trabalho se diferencia da anterior (quando trabalhava com fotografias do século XIX): diferente da fotografia que, segundo Barthes, está colada a uma realidade, o referente adere e evoca. A foto é um passado-presente/presente-passado. As imagens pseudofotográficas (é impressa e na maior parte das vezes produzida como tal) que traduzem os exames médicos aos quais me submeti não estão coladas a nada, nem ao meu próprio corpo – é impossível identificá-lo através das imagens – e nem a uma visualidade

reconhecível de uma natureza vivenciada. Enquanto as fotografias antigas possuem um referente idealizado na reminiscência, na memória ou na imaginação, estas imagens não representam, elas são a própria realidade.

Seja na discussão das possibilidades humanas ou mesmo da condição humana como ela é normalmente colocada pelo mundo, o meu trabalho tenta apresentar uma questão universal através da visualidade: o ser humano é aquilo que experimenta, e as possibilidades de experiências são infinitas, como são infinitas as realidades possíveis.

Ao mesmo tempo, o significado aparente da paisagem desindividualizada do corpo humano pode também discutir a efemeridade e a uniformidade do ser, qualquer ser. Ao observar-se um trabalho de arte constituído destas imagens descontextualizadas, o “admirável mundo novo” já não é tão novo assim, ele é corriqueiro mesmo que não se tenha a consciência disto.

Quem é (ou foi) aquele corpo (ou parte de um corpo) imaginado e apresentado daquela forma bidimensional, multiplicada, repetida e re-elaborada numa situação de arte?

Nas imagens mediadas somos todos iguais, sem identidade, sem gênero, sem personalidade, sem presente, passado ou futuro, talvez sem vida...

Tais imagens não são ninguém, elas somente são elas mesmas.